



Graduação  Pós-Graduação  
 Artigo completo  Relato de prática  Resumo expandido

**AGRICULTURA FAMILIAR NO MUNICÍPIO DE ROSÁRIO OESTE-MT: como se estrutura a vida dos produtores em função da feira livre**

**Jussara Souza de Pinho**  
Associação Lar Maria de Lourdes  
Jussarapinho330@gmail.com

**Ana Cristina Peron Domingues**  
Universidade do Estado de Mato Grosso Carlos Alberto Reyes Maldonado  
ana.peron@unemat.br

**RESUMO**

O estudo teve como objetivo analisar como se estrutura a vida dos produtores da agricultura familiar em função da feira livre no município de Rosário Oeste-MT, considerando seus aspectos econômicos, sociais e culturais. Para isso, utilizou-se uma abordagem qualitativa, com finalidade exploratório-descritiva, por meio de pesquisa de campo com 11 feirantes atuantes na feira local, com a aplicação de um roteiro de entrevista semiestruturado e observação sistemática e assistemática. Os dados permitiram uma análise interpretativa da realidade dos participantes. Os resultados revelaram que os feirantes são, em sua maioria, pessoas com escolaridade básica, idade superior a 40 anos, baixa renda mensal e forte vínculo com a atividade, sendo esta a principal ou complementar fonte de renda. A feira livre foi identificada não apenas como um espaço de comercialização, mas também como um ambiente de socialização, pertencimento e identidade cultural. Apesar da resiliência dos produtores, foram destacados desafios como infraestrutura precária, distância das residências rurais, escassez de apoio público e dificuldades para renovação geracional. Constatou-se ainda que a maioria dos feirantes deseja continuar na atividade, destacando a importância econômica e simbólica da feira para suas vidas. O estudo aponta a necessidade de políticas públicas que fortaleçam o papel das feiras livres como instrumento de desenvolvimento local e de valorização da agricultura familiar, promovendo melhores condições de trabalho e sustentabilidade a esses produtores.

**Palavras-chave:** Agricultura Familiar; Feira Livre; Desenvolvimento Local.



## 1 INTRODUÇÃO

A agricultura familiar é um segmento que apresenta em seu sistema de produção a diversificação de culturas, o que possibilita aos produtores a obtenção de alimentos e renda o ano inteiro. “Esse segmento de produção é significativo devido a sua função ambiental, econômica e social tornando-se imprescindível para produtores familiares, pois é por meio desta que ocorre a venda e agregação do valor no produto” (Carvalho; Grossi, 2019, p. 226).

A feira livre é um canal atrativo ao público, devido à diversidade, oferta de produtos frescos, possibilidades de negociação de preços e um atendimento mais personalizado, pois estabelece um contato direto do produtor com o consumidor (Deimling; Braz, 2007; Michellon; Molina; Costa, 2009).

A partir do exposto, este estudo delimitou-se a estudar os feirantes oriundos da agricultura familiar e os aspectos vivenciados na atividade da feira livre, sendo econômicos, sociais e culturais, que proporcionaram impactos em suas vidas.

Com base no que foi apresentado, a pesquisa teve como objetivo central, analisar como se estrutura a vida dos produtores da agricultura familiar em função da feira livre no município de Rosário Oeste-MT, sendo os específicos, i) identificar o perfil dos feirantes que se enquadram como produtores da agricultura familiar no município de estudo; ii) descrever a importância que a feira livre tem na vida desses produtores, considerando seus aspectos econômicos, sociais e culturais, no município de estudo e; iii) por fim, descrever os desafios encontrados por eles para permanência na atividade da feira.

Por serem as feiras livres o meio de comercialização mais antigo existente, quando se trata de produtos advindos da agricultura (Sales; Rezende; Sette, 2011), mesmo com a modernização do comércio, em que outros meios foram surgindo, essas persistiram, e desempenham um importante papel no meio em que estão inseridas, seja na área econômica, social ou cultural (Godoy; Anjos, 2007). Assim, este estudo contribui com as pesquisas nesta temática, uma vez que no estado de Mato Grosso, o assunto ainda é pouco investigado, havendo a necessidade de se conhecer a nível local os benefícios e desafios proporcionados pela feira livre aos produtores da agricultura familiar, um público com grande representatividade na produção de alimentos brasileira e mundial.

Os resultados do estudo, além de proporcionarem maior visibilidade à feira livre de Rosário Oeste e aos produtores da agricultura familiar, podem contribuir com a sociedade em um sentido mais amplo, sendo fonte para a criação e/ou redirecionamentos de políticas públicas

dentro do município.

## 2 REVISÃO DA LITERATURA

Ao recorrer-se a literatura, na intenção de conceituar o termo agricultura familiar, diversas vertentes podem ser encontradas. Destacam-se aqui duas vertentes contextualizadas na obra de Alfatin (2007). Uma primeira em que coloca que a agricultura familiar seria fruto da sociedade capitalista desenvolvida, a qual chama de moderna agricultura familiar, enfatizando a partir de Abramovay (1992), que seria devido a adesão da agricultura familiar às novas tecnologias e mercados, assim como as políticas públicas, desta forma não se enquadrando no modelo da agricultura camponesa e, a outra, em que defende que esse conceito estaria passando por uma evolução histórica, foco de sua pesquisa, em que enfatiza que as transformações pelas quais a agricultura familiar vem passando não pode de forma simplória sofrer uma ruptura com as formas antecedentes da tradição camponesa, mas que essa deve fortalecer os avanços perpassados.

Nesse contexto, de acordo com Porto e Siqueira (1994) é que surge no Brasil nas décadas de 1960 e 1970, o termo pequena produção, uma forma que o governo encontrou de inserir essa categoria no desenvolvimento do capitalismo na agricultura e diferenciá-lo do sentido de campesinato.

Na década de 1990, na intenção de contrapor o termo agronegócio, caracterizado no país como o setor patronal rural, surge à expressão agricultura familiar, que assim como o termo agronegócio, também foi traduzida do modelo norte americano. O objetivo era romper com a conotação de produção de subsistência, ineficiência e baixa produtividade, ideias que acompanhavam o termo pequena produção (Sauer, 2008).

Na sequência, em 2006, foi promulgada a Lei nº 11.326, conhecida como a Lei da Agricultura Familiar, a qual define como sendo agricultor familiar e empreendedor familiar rural aquele que pratica atividades no meio rural, atendendo, simultaneamente, aos seguintes requisitos:

- I) não detenha, a qualquer título, área maior do que 4 (quatro) módulos fiscais;
- II) utilize predominantemente mão-de-obra da própria família nas atividades econômicas do seu estabelecimento ou empreendimento;
- III) tenha percentual mínimo da renda familiar originada de atividades econômicas do seu estabelecimento ou empreendimento, na forma definida pelo Poder Executivo;
- IV) dirija seu estabelecimento ou empreendimento com sua família (BRASIL, 2006).

São considerados também beneficiários desta lei, desde que atendam a mesma, os povos e comunidades tradicionais, silvicultores, agricultores, extrativistas e pescadores.

De acordo com o Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA), a agricultura familiar é protagonista no abastecimento de alimentos no país, sendo que produz cerca de 87% da mandioca, 70% do feijão, 46% do milho, 38% do café, 34% do arroz e 21% do trigo, já na pecuária é responsável por 60% da produção de leite, além de 59% do rebanho suíno, 50% das aves e 30% dos bovinos (Araújo; Ribeiro, 2018).

No Brasil, a agricultura familiar ocupa uma extensão de área de 80,9 milhões de hectares, o que representa 23% da área total dos estabelecimentos agropecuários brasileiros. O levantamento do Censo Agropecuário de 2017, realizado em mais de 5 milhões de propriedades rurais de todo o Brasil, aponta que 77% dos estabelecimentos agrícolas do País foram classificados como de agricultura familiar. Ainda segundo as estatísticas, a agricultura familiar empregava mais de 10 milhões de pessoas em setembro de 2017, o que corresponde a 67% do total de pessoas ocupadas na agropecuária, sendo responsável pela renda de 40% da população economicamente ativa (IBGE, 2019).

A agricultura familiar não está somente atrelada à produção agropecuária. Conforme explana Candiotto (2009), paralelo a isso, ocorre o artesanato, paisagens, biodiversidades, exposição de novas culturas e o estilo de vida do campo, que passam a serem vistos como significativos geradores de renda as famílias do meio rural, as quais estão em processo evolutivo de refuncionalização desse ambiente. Complementa ainda que é expressiva a procura da população urbana pela área rural, em busca de lazer, descanso ou por aquilo que consideram exótico como animais, plantações, rios e matas. Essas novas funções, que são conhecidas como a pluralidade ou multifuncionalidade, tiveram início no Brasil na década de 1990, quando se passou mais fortemente a desenvolver-se a indústria (manufatura) e o turismo rural, contexto vem alterando as ocupações e a renda da população do campo.

A partir do exposto, pela representatividade da agricultura familiar no mundo, e a necessidade de criação e desenvolvimento de políticas públicas para este setor, a ONU criou, no ano de 2019, “a Década da Agricultura Familiar, que está sendo implementada pela FAO e pelo Fundo Internacional de Desenvolvimento Agrícola (FIDA), com a finalidade de fortalecer a agricultura familiar por meio da criação de políticas públicas que englobem questões econômicas, sociais e ambientais” (FAO, 2019).

As feiras livres são conhecidas como um importante espaço de comercialização dos produtos da agricultura familiar. De acordo com o estudo de Pereira, Brito e Pereira (2017) vão muito além disso. Assim, buscaram compreender as mesmas, também como um espaço de

socialização, identidade regional, cultural e de articulação política. Constataram que “a feira gera trabalho e renda no campo, dinamiza a economia local e oferta a soberania e segurança alimentar para a população urbana, além de ser espaço privilegiado de organização e participação social”.

Com base na pesquisa realizada com feirantes do município de Chapecó-SC, alguns desafios são destacados por Fossá; Ternus; Badalotti (2020) como, as condições estruturais do espaço da feira livre; péssimas condições das estradas do interior; baixo volume das vendas e; o Projeto de Lei em tramitação no município que de acordo com os respondentes transfere todos os custos com a operacionalização da feira, aos próprios feirantes e conseqüentemente aos consumidores, isentando assim o poder executivo como fonte motivadora.

Nesta linha, outros desafios a considerar incluem a gestão de preços, a logística e a concorrência, pois são questões que afetam custos adicionais e podem afetar o modelo de negócio dos mercados de rua, levando a um problema maior que é o desperdício de diversos tipos de alimentos, especialmente frutas e vegetais, assim, este é outro desafio constante (Gomes, 2023). Complementando, questões como problema higiênico-sanitárias também se configuram como um antigo desafio enfrentado, nesse tipo de mercado livre, sendo nas barracas, equipamentos e utensílios e/ou, na forma de manipulação dos alimentos, prejudicando a qualidade dos produtos ofertados (Coutinho *et al*, s/d; Coelho, 2009; Sales; Rezende; Sette, 2011).

Verifica-se assim, que as feiras livres, prática antiga de comércio, que segundo Silva e Silva (2011), data de 500 a.C, no Oriente Médio, em que eram comercializados animais, alimentos, artesanatos entre outros e, eram realizadas em um espaço específico e dia fixo da semana, perduram na atualidade em diversos lugares do mundo, contribuindo de forma significativa, especialmente com os pequenos produtores rurais, embora carreguem de forma histórica alguns problemas e desafios a serem sanados.

### 3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Utilizou-se uma abordagem qualitativa, em que buscou-se compreender como as pessoas constroem significados para em seguida, descrevê-los, com foco no entendimento e na interpretação do fenômeno a partir das representações, vivências e experiências dos participantes (Minayo, 2003).

Este estudo classifica-se como exploratório-descritivo quanto aos fins, pois foi



necessário familiarizar-se com a realidade do local de pesquisa de forma preliminar, para então aprofundar-se no fenômeno de pesquisa, oferecendo uma visão mais detalhada do mesmo, com o intuito também de coletar, analisar e descrever a realidade, sem qualquer interferência do pesquisador (Gil, 2022).

Quanto aos meios, trata-se de uma pesquisa de campo, pois buscou-se informações diretamente com os sujeitos da pesquisa, ou seja, o pesquisador foi até o local em que o fenômeno ocorria para reunir as informações necessárias (Gil, 2022). Como complemento na coleta dos dados, considerou-se também a observação sistemática e assistemática, com o intuito de aprofundar ainda mais os detalhes do estudo.

O universo da pesquisa foi constituído pelos produtores familiares que comercializam produtos na feira livre no município de Rosário Oeste, Mato Grosso. O município, de acordo com o IBGE (2010), possui uma área de 7.339,443 km<sup>2</sup> e 15.453 habitantes, localizado a aproximadamente 100 km de Cuiabá, a capital do estado, sendo utilizada a amostragem por conveniência, em que participaram do estudo 11 feirantes que aceitaram participar e estiveram presentes no espaço da feira no período da coleta dos dados que ocorreu nos meses de janeiro e fevereiro de 2025.

Como instrumento de coleta, foi utilizado um roteiro de entrevista semiestruturado, contendo perguntas abertas, fechadas e de múltipla escolha.

Os dados coletados foram organizados e apresentados em textos, gráficos e tabelas, permitindo a análise das semelhanças, diferenças e inter-relações entre eles (Gil, 2019). Desta forma, o pesquisador fez a interpretação e atribuiu significado aos dados.

## **4 DISCUSSÃO E ANÁLISE DOS DADOS**

Este tópico apresenta os resultados subdivididos a partir dos objetivos específicos do estudo, sendo no primeiro, contemplado o perfil dos sujeitos pesquisados e na sequência, os impactos da feira livre na vida dos produtores da agricultura familiar.

### **4.1 PERFIL DOS RESPONDENTES**

A primeira tabela deste tópico trata sobre as variáveis sexo, idade e escolaridade dos respondentes do estudo.

**Tabela 1: Sexo, idade e escolaridade dos respondentes – Rosário Oeste-MT**

Variável	Frequência	Porcentagem
<b>Sexo</b>		
Masculino	06	54,55
Feminino	05	45,45
<b>Total</b>	<b>11</b>	<b>100</b>
<b>Idade</b>		
31 a 40 Anos	01	9,09
41 a 50 Anos	04	36,37
51 a 60 Anos	05	45,45
Acima de 60	01	9,09
<b>Total</b>	<b>11</b>	<b>100</b>
<b>Escolaridade</b>		
Ensino fundamental incompleto	02	18,18
Ensino médio incompleto	06	54,55
Ensino superior incompleto	01	9,09
Ensino superior	02	18,18
<b>Total</b>	<b>11</b>	<b>100</b>

Fonte: Dados da Pesquisa, 2025

É possível perceber que os perfis dos feirantes se destacam com idades mais avançadas e escolaridade mais baixa, sendo 7 casados, 2 solteiros, 1 divorciado e uma pessoa respondeu “outros”. Esses resultados se sobressaem por ser um setor mais informal e de atividades mais práticas, nas quais a experiência conta mais do que a educação formal, como destaca Guimarães (2014), ao afirmar que o saber prático adquirido com o tempo é fundamental para a permanência em ocupações informais. Trindade e Fiel (2019) complementam ao mostrar que muitos feirantes veem essa atividade como sua principal fonte de renda, sendo o setor informal uma alternativa frente às dificuldades de acesso ao mercado formal. A predominância de homens se destacou nos resultados, com 60%, mas é importante lembrar que a presença feminina no setor foi significativa, com 50% dos feirantes. Nesse sentido, constata-se que há uma parcela mista entre os feirantes. No estudo de Jordão (2019) em Nobres-MT, município vizinho, o mesmo encontrou, ao entrevistar produtores da feira livre, um número de 70% sendo homens.

Além disso, uma parcela considerável dos feirantes vive com um número expressivo de pessoas em sua residência, em que 63,64% afirmaram morar com três ou mais pessoas. Isso pode indicar que muitos são responsáveis pelo sustento das famílias, o que gera uma responsabilidade maior em relação a garantia desse sustento. Segundo Trindade e Fiel (2020),

a informalidade nas feiras é uma estratégia de sobrevivência para trabalhadores que enfrentam dificuldades de inserção no mercado formal, assumindo o papel de provedores principais de suas famílias.

Questionou-se também, em relação ao perfil dos feirantes, sobre a renda familiar. Os dados são apresentados na Tabela 2.

**Tabela 2: Renda familiar – Rosário Oeste-MT**

Variável	Frequência	Porcentagem
1 a 2 salários-mínimos	4	36,37
2 a 3 salários-mínimos	5	45,45
Acima de 4 salários-mínimos	2	18,18
<b>Total</b>	<b>11</b>	<b>100</b>

Fonte: Dados da Pesquisa, 2025

A maioria dos feirantes de Rosário Oeste-MT possui renda familiar de até três salários-mínimos, sendo 36,37% com rendimentos entre 1 e 2 salários e 45,45% entre 2 e 3 salários-mínimos. Apenas 18,18% declararam renda superior a 4 salários-mínimos. Esse perfil evidencia uma predominância de renda baixa a intermediária, semelhante ao observado na agricultura familiar brasileira.

Segundo o Censo Agropecuário 2017, a população ocupada nos estabelecimentos agropecuários caiu 8,8% em 11 anos, com destaque para a agricultura familiar, que perdeu 2,2 milhões de postos de trabalho no período (IBGE, 2019). Essa redução é reflexo da falta de políticas públicas eficazes, da dificuldade de acesso a crédito e da informalidade no setor.

Como aponta Wanderley (2002), as feiras são espaços fundamentais de geração de renda, mas carecem de reconhecimento e apoio institucional. Assim, os rendimentos limitados dos feirantes podem ser compreendidos dentro desse contexto mais amplo de fragilidade estrutural e econômica da agricultura familiar no Brasil.

#### 4.2 IMPACTOS DA FEIRA LIVRE NA VIDA DOS PRODUTORES RURAIS

No que diz respeito ao tempo que os produtores exercem atividade na feira livre no município de Rosário Oeste, dentre os 11 entrevistados, as respostas se dividiram em apenas duas opções, 2 pessoas ficaram entre 1 e 3 anos de atividade, enquanto 9 pessoas responderam ser acima de 5 anos e, somente 1 dentre os entrevistados participa de feira livre também em outro município, sendo esta em Jangada/MT.



Desta forma, a pesquisa mostra que a feira de Rosário Oeste é composta principalmente por feirantes experientes, constatando um aspecto de estabilidade e tradição em relação aos feirantes ativos. Contudo, a baixa quantidade de feirantes mais jovens indica que a feira pode estar com dificuldades em renovação o que pode acarretar problemas futuros para manutenção da atividade. Conforme destaca Abramovay (1998), a ausência de jovens na agricultura familiar indica uma ruptura nos padrões sucessórios tradicionais, o que pode levar à descontinuidade das atividades e à perda de saberes acumulados ao longo das gerações.

Já a concentração das atividades dos feirantes em Rosário Oeste reflete uma estratégia de fortalecimento dos laços comunitários e de sustentação econômica dos mesmos. Como destaca Vedana (2013), o sucesso do trabalho dos feirantes está diretamente ligado à construção de relações de confiança e sociabilidade no ambiente da feira.

Quando questionados sobre a participação de familiares no trabalho da feira, 6 entrevistados responderam que não contam com ajuda na atividade. Já os outros 5, recebem colaboração, estando distribuídos da seguinte forma: 2 pessoas recebem apoio das irmãs; 1 pessoa conta com a ajuda da filha e nora; outra pessoa trabalha junto com a mãe e; 1 pessoa tem a esposa como companheira no trabalho da feira. Percebe-se a partir do exposto que a família se envolve também na etapa de comercialização.

Esses dados mostram que, embora a maioria atue sozinha, há um número significativo de feirantes que contam com o suporte de familiares em suas atividades diárias. Nesse sentido, Pasqualotto, Godoy e Verona (2013) argumentam que a escassez de jovens na agricultura familiar compromete a continuidade das atividades, evidenciando a necessidade de ações para o fortalecimento da sucessão familiar. Com a diminuição da atuação de jovens nas propriedades, há um reflexo também na comercialização na feira livre, o que pode comprometer sua continuidade.

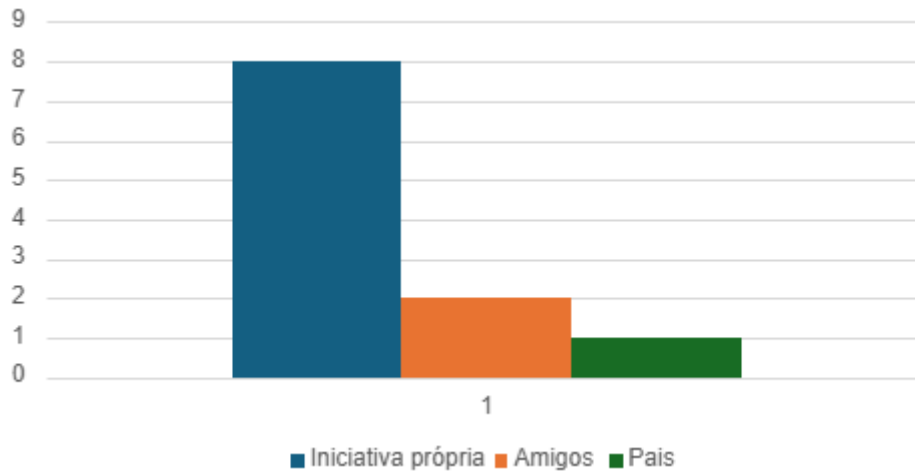
Buscou-se saber se existem parentes dos feirantes que comercializam na feira, encontrou-se 2 pessoas que disseram sim, sendo eles sobrinho e prima, e outros 9 feirantes responderam que não têm nenhum parente com atividade na feira. Percebe-se que mesmo não havendo muitos vínculos de parentesco existe uma tradição e uma vontade de dar continuidade à atividade na feira.

Essa percepção é reforçada por Guimarães e Doula (2018), que ao estudarem o Mercado Municipal de Montes Claros, apontam que a transmissão da profissão de feirante ocorre de forma simbólica e prática no cotidiano, mesmo quando poucos parentes atuam diretamente no mesmo espaço. Isso demonstra que a atividade é permeada por laços de memória e identidade

familiar, o que contribui para sua continuidade ao longo do tempo.

Os feirantes foram questionados se houve motivação de terceiros para o início da comercialização na feira livre, os dados são apresentados na Figura 1.

**Figura 1: Pessoas que motivaram a comercialização na feira – Rosário Oeste-MT**



Fonte: Dados de pesquisa, 2025

Verifica-se na Figura 1, que a maioria, sendo 8 feirantes, iniciaram suas atividades na feira por iniciativa própria, enquanto 2 foi por meio da influência de amigos e uma, dos pais.

De acordo com as respostas obtidas, percebe-se que por ser a feira livre uma forma de comércio tradicional, que perdura por séculos e, de acordo com Silva e Silva (2011), fenômenos econômicos sociais que já eram conhecidos dos Gregos e Romanos, em que alguns especialistas no assunto afirmam já existir a cerca de 500 anos a C, os produtores, por si só veem como uma fonte e oportunidade de comercialização.

Nesse sentido, Theodoro (2004) afirma que o surgimento do mercado de trabalho livre no Brasil foi marcado pela inserção de trabalhadores em atividades de subsistência e baixa remuneração, processo que deu origem ao chamado “setor informal”. Assim, constata-se que muitos buscam nas feiras livres uma forma de sobrevivência econômica diante das dificuldades de acesso ao mercado formal.

Levantou-se também sobre os tipos de produtos comercializados na feira pelos respondentes. Os dados são apresentados na Tabela 3.

**Tabela 3: Tipos de produtos comercializado na feira – Rosário Oeste-MT**

Variável	Frequência*	Porcentagem
Frutas	2	18,18%
Legumes	4	36,36%
Laticínios	4	36,36%
Carnes	6	54,55%
Grãos e cereais	1	9,09%
Produtos processados	1	9,09%
Artesanato	1	9,09%
Outros	2	18,18%

\*Os pesquisados responderam mais de uma alternativa

Fonte: Dados de pesquisa, 2025

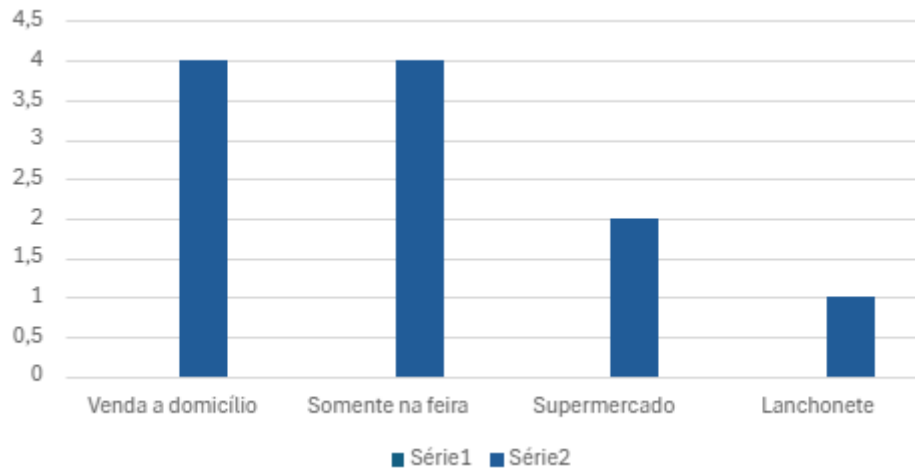
Os dados mostram que os produtos de origem animal, como carnes e laticínios, são os mais comercializados, seguidos por legumes e frutas, que também têm forte presença na feira. Além disso, há a oferta de grãos, produtos processados, artesanato e outros itens, que complementam a diversidade da feira e atendem diferentes demandas do público.

Nesse sentido é possível concluir que há uma grande porcentagem de produtos frescos e que são indispensáveis na alimentação, como carnes, legumes e laticínios.

Essa diversidade de produtos nas feiras livres é constatada por Magalhães *et al.* (2020), que destacam a comercialização significativa de carnes em feiras de Fortaleza. Schinaider (2023) também ressalta a presença de laticínios oriundos da agricultura familiar nas feiras de Goiânia, evidenciando a importância desses produtos no contexto das feiras livres. Além disso, Silva *et al.* (2024) mostram a relevância nutricional, ambiental e econômica das feiras livres, destacando a variedade de produtos oferecidos, incluindo grãos e artesanato, que atendem às diversas demandas da comunidade.

Na Figura 2 é apresentado os demais locais da cidade em que os produtores rurais comercializam seus produtos.

**Figura 2: Comercialização dos produtos em outros locais da cidade – Rosário Oeste-MT**



Fonte: Dados de pesquisa, 2025

A distribuição das vendas mostra que, embora existam outros locais de venda, o supermercado e lanchonetes, não são os principais focos, com contribuições menores. Em contrapartida, as vendas em domicílio e somente na feira livre têm uma participação mais significativa, demonstrando que a venda direta, tanto em casa quanto na feira, é uma estratégia mais eficaz para tais produtos.

Corroborando essa percepção, Carvalho e Grossi (2019), ao citarem estudo de Michellon, Molina e Costa (2009) afirmam que as feiras se tornam um ponto mais atrativo do que supermercados e frutarias, por oferecerem produtos mais frescos, maior diversidade, negociação direta e atendimento personalizado, o que permite uma relação próxima com o produtor.

Foi questionado também, se os feirantes possuem outra fonte de renda além da obtida com a produção do empreendimento rural. Dentre os entrevistados, 7 feirantes afirmaram que possuem outra renda, sendo citados: empregos como motorista de carreta; cirurgião dentista; professor; servidor público; proprietário de casa de ração; artesanato e mandiocaria. Por outro lado, 4 feirantes declararam que não possuem outra fonte de renda, confiando unicamente na produção rural para garantir seu sustento. Tais feirantes podem estar mais vulneráveis a mudanças no setor rural, como variações climáticas ou quedas nos preços dos produtos o que pode prejudicar sua renda.

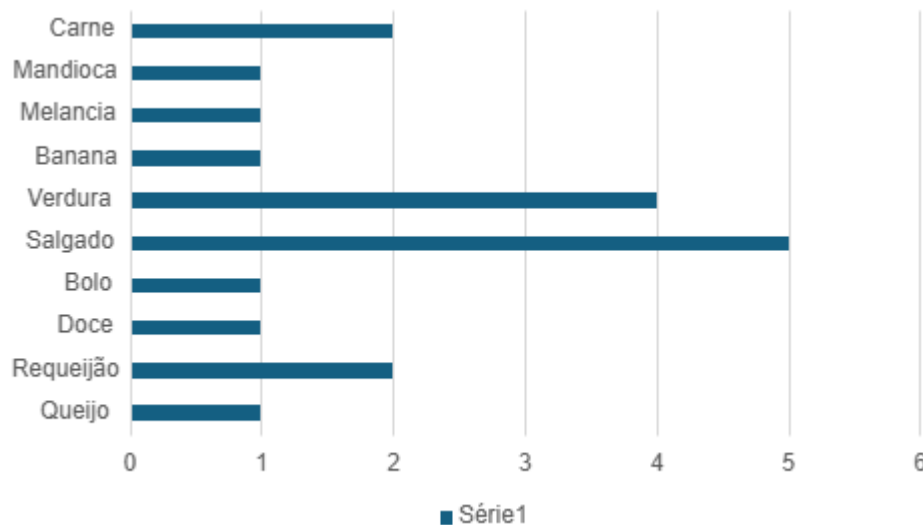
Em contrapartida 7 dos feirantes que complementam suas rendas, buscam de certa forma diminuir os riscos financeiros e aumentar a estabilidade econômica, considerando as incertezas que podem ocorrer na produção rural.

Esses achados levam a sugerir que a pluriatividade, que de acordo com Amaral (2016)

tem se mostrado essencial para a reprodução e sobrevivência das famílias rurais, sendo influenciada por fatores como maior escolaridade e o número de integrantes no núcleo familiar, podem não estar sendo visualizada pelos produtores rurais do município investigado.

Na sequência, perguntou-se aos produtores se costumam comprar produtos de outros feirantes, em que disseram que sim. A Figura 3 apresenta alguns destes produtos.

**Figura 3: Produtos que os produtores costumam comprar de outros feirantes – Rosário Oeste.MT**



Fonte: Dados de pesquisa, 2025

Verifica-se, dentre aqueles que além de feirantes, também são consumidores, que os produtos mais procurados para compra são os salgados, verduras, carne e requeijão pois são produtos frescos e saudáveis que já estão mais próximos dos feirantes.

Buscou-se também compreender o que a feira lhes proporcionava, além da oportunidade de comercialização dos produtos. Dentre as respostas foram citados: construir vínculos de amizade; a socialização; espaço de divertimento; colaboração com outros colegas da feira; um ponto fixo para comercialização e; a possibilidade de fidelizar clientes (clientes antigos).

Nesse sentido, é visível a contribuição positiva que a feira livre agrega tanto na vida dos comerciantes quanto na vida dos clientes, pois além de comprar um produto da feira os clientes acabam tendo uma relação de amizade e bem-estar que agrega na saúde mental e física. De acordo com Vedana (2013), o cotidiano nas feiras é marcado por intensas trocas sociais que ultrapassam a lógica estritamente econômica. Assim, a autora acredita que a feira é também um espaço de sociabilidade, onde os feirantes constroem sua identidade profissional por meio das relações com os clientes e com outros vendedores. Barbosa (2008) complementa que o espaço da feira, proporciona a integração de pessoas, difunde culturas, saberes e costumes.

Em relação a percepção dos feirantes sobre o ambiente da feira no município, se poderia haver melhorias no local, as repostas se dividem entre algumas opções exibida na Tabela 5.

**Tabela 4: Possibilidades de melhoria no espaço da feira – Rosário Oeste/MT**

Variável	Frequência	Porcentagem
Organizar as barracas	2	18,2%
Estruturar e divulgar	2	18,2%
Estrutura e organização	2	18,2%
Melhorar as barracas	1	9,1%
Melhorar a estrutura e a qualidade do local	1	9,1%
Melhorar as barracas e estacionamento próprio	1	9,1%
Colocar mais bancas, mais limpeza e segurança	1	9,1%
Ter mais incentivo político	1	9,1%
<b>Total</b>	<b>11</b>	<b>100</b>

Fonte: Dados de pesquisa, 2025

De modo geral, a visão dos feirantes indica que a feira tem a necessidade de ser mais bem estruturada e organizada, com a implementação de melhorias específicas no espaço físico, infraestrutura e apoio externo.

No estudo de Teixeira (2019) realizado no município vizinho, de Diamantino/MT, encontrou-se resultados um pouco distintos, em que 88% dos feirantes consideraram o espaço disponível para as atividades como excelente e bom. Assim como 68% disseram ser as condições de limpeza e higiene excelentes ou boas. Já em relação a segurança do local, o estudo mostrou que 72% enfatizaram ser satisfatória.

Silva e Santos (2018, p. 350) destacam que "a falta de infraestrutura adequada nas feiras limita seu potencial econômico e social, exigindo políticas públicas direcionadas". É visível a grande importância da feira livre, pois contribui de diversas formas com a cidade, tornando-se necessária uma maior atenção das políticas públicas.

Quanto ao local e dia em que a feira acontece, buscou-se saber na percepção dos entrevistados, se seria interessante adaptar a feira em outros espaços da cidade e em dias diferentes. Dos respondentes, 8 disseram que não, justificando que por residirem na zona rural, já é difícil o deslocamento em um dia e que, sendo mais dias, se tornaria inviável.

Assim, a pesquisa revela quão importante é para os feirantes, a manutenção em relação

tanto ao local quanto aos dias, para que isso garanta sua participação, e que toda alteração nesse sentido, exigiria um estudo para contemplar as necessidades desses trabalhadores e assim dar espaço para todos ou mesmo para novos membros. Essa preferência pela manutenção da estrutura atual é destacada por Vedana (2013), que enfatiza a importância dos laços sociais e da rotina estabelecida no cotidiano das feiras livres.

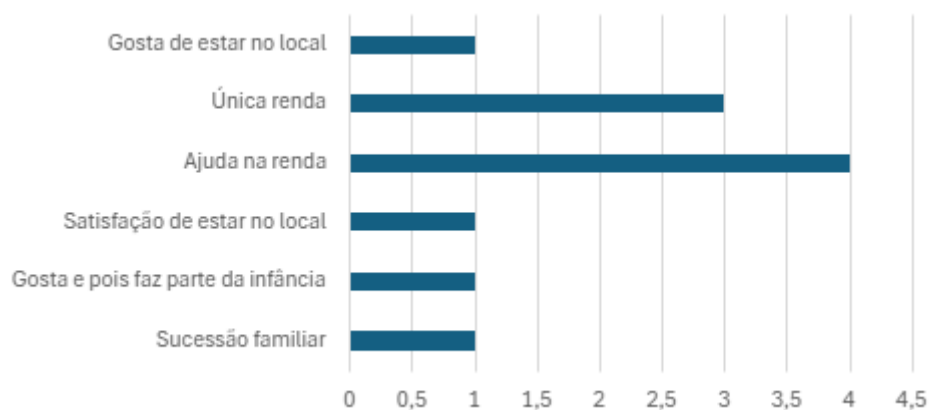
No que se refere aos desafios que os feirantes enfrentam para se manter na feira, a maioria dos participantes, sendo 7, apontaram: “a distância, estradas ruins e cansaço; competitividade entre colegas; má estrutura das barracas; distância; sacrifício de deixar a esposa e filho para participar da feira”.

Esses dados ilustram como a vida de feirante é cheia de desafios logísticos, estruturais e emocionais. Assim para garantir uma presença constante, seria necessário investir em melhorias nas condições de trabalho, infraestrutura e transporte, para haver maior tranquilidade, inclusive conforto emocional, além de promover um ambiente de colaboração entre os feirantes.

Carvalho e Aguiar (2017) destacam que os feirantes desenvolvem suas atividades em condições que os tornam vulneráveis a impactos sociais, econômicos, psicológicos e físicos, inerentes à informalidade do trabalho que desempenham. Fatores como condições inadequadas de higiene, poluição sonora, carga horária extensa e baixos rendimentos são apontados como motivos de insatisfação no trabalho, influenciando diretamente na percepção de qualidade de vida e no processo saúde-doença desses trabalhadores.

Os feirantes foram indagados ainda, sobre os motivos pelos quais persistem na participação da feira. Os dados estão descritos na Figura 4.

**Figura 4: Motivos pelos quais os feirantes persistem na participação na feira – Rosário Oeste-MT**



Fonte: Dados de pesquisa, 2025

Constata-se em relação aos vários motivos para permanecer na feira que a renda se destaca. Assim é visível a contribuição da feira para a comercialização dos produtores rurais e, especialmente daqueles cuja atividade é a única fonte de renda. Reforça-se desta forma, a necessidade de manutenção e desenvolvimento da feira.

Quando questionados sobre a intenção de continuar participando da feira, 100% dos entrevistados afirmaram que desejam permanecer atuando no local. Na sequência, responderam os motivos pelos quais acreditam que a atividade das feiras livres deve perdurar.

Dentre as razões, que vão desde questões econômicas e sociais até motivos pessoais, eles valorizam a estabilidade da renda; a autonomia que possuem; a tradição que carregam; os costumes e amizades e; o investimento inicial baixo e as oportunidades de crescimento. Por isso, mesmo enfrentando desafios no dia a dia, a feira continua sendo uma alternativa muito atrativa para produtores rurais.

Segundo Chaves (2011), a feira livre desempenha um papel crucial na reprodução socioeconômica e cultural da população, mesmo diante das modernizações atuais. Ela contribui significativamente para a organização do espaço urbano e para a sobrevivência da sociedade local, especialmente das classes menos favorecidas que dependem da feira como principal fonte de renda.

Reforçando esses dados, Carvalho e Grossi (2019) apontam que as feiras livres representam não apenas um espaço de comércio, mas também uma alternativa viável de geração de renda, com valorização das relações sociais e culturais, e que o fortalecimento desse ambiente por meio de políticas públicas e apoio institucional pode ampliar ainda mais seus impactos positivos.

Foi verbalizado pelos respondentes que a participação na feira envolve um processo complexo de organização do tempo e execução de diversas atividades antes, durante e após o evento. Os feirantes desempenham múltiplas funções para garantir a oferta de produtos frescos e de qualidade aos consumidores.

No período que antecede a feira, os trabalhadores se dedicam a atividades essenciais como alimentação e cuidados com os animais, plantio e manejo das culturas agrícolas, além da produção artesanal de alimentos. Dentre os processos relatados, destacam-se:

- O cuidado e alimentação da criação (bovinos, suínos e aves);
- Cultivo de produtos agrícolas, como cana-de-açúcar e legumes;
- Produção de alimentos artesanais, como pão, conservas, queijo e salgados;
- Processo de ordenha e obtenção do leite;
- Abate, limpeza e corte das peças de carne para comercialização.

Além da produção própria, alguns feirantes optam por comprar carne de fornecedores externos (bovinos e suínos), levando o produto para casa, onde realizam os cortes antes de levá-los à feira para venda.

Após o evento, os feirantes retornam para suas propriedades para as atividades cotidianas, dando continuidade ao ciclo de produção para a próxima feira. A rotina é intensa e exige planejamento para equilibrar o tempo entre a produção, a comercialização e a organização pós-feira.

Fica claro nos resultados que participar de uma feira livre envolve um processo que é bastante complexo e vai muito além da venda de produtos. Desde o cultivo dos alimentos ou o cuidado com os animais até a venda e o retorno à rotina de produção, cada etapa requer muito esforço físico e organização. Esse ciclo de trabalho constante mostra a dedicação e o comprometimento dos produtores, mas também destaca os desafios que eles enfrentam, como o cansaço físico, a falta de infraestrutura e os sacrifícios pessoais.

Para que os feirantes possam continuar contribuindo com a economia local e mantendo suas atividades, é essencial que recebam apoio tanto da comunidade quanto do poder público, com foco na melhoria das condições de trabalho e na promoção de um espaço mais sustentável.

Segundo Sato (2007), a organização do trabalho na feira livre é caracterizada por uma rede de relações sociais que mescla vínculos de trabalho com relações familiares, de vizinhança e de amizade. Essa estrutura organizativa permite que os feirantes desenvolvam suas atividades de forma autônoma, adaptando-se às diferentes demandas e contextos sociais, econômicos e culturais que enfrentam diariamente. A autora destaca ainda que o trabalho dos feirantes vai além da simples comercialização de produtos, envolvendo uma série de atividades que requerem planejamento, esforço físico e dedicação constante.

## 5 CONCLUSÕES

Este estudo teve como proposta responder ao seguinte problema de pesquisa: como se estrutura a vida dos produtores da agricultura familiar em função da feira livre no município de Rosário Oeste-MT. Para tanto, foram definidos objetivos específicos para a análise do perfil dos feirantes, a compreensão da importância da feira em suas vidas nos aspectos econômicos, sociais e culturais, da mesma forma à identificação dos principais desafios enfrentados para a permanência na atividade.

A partir dos dados coletados por meio de entrevistas com onze produtores atuantes na feira livre local, foi possível alcançar os objetivos estabelecidos. Observou-se que a feira livre

exerce um papel central na vida dos feirantes, sendo, para muitos, a principal fonte de renda e um espaço relevante de convivência social, troca de saberes e manutenção de vínculos com a comunidade.

Dentre os resultados mais expressivos, nota-se que 82% dos feirantes trabalham há mais de cinco anos na feira, o que mostra tradição e permanência na profissão. Observou-se ainda que 100% dos entrevistados querem continuar fazendo parte da feira, o que demonstra o valor que dão a essa prática. Além disso, 64% responderam que possuem outras fontes de renda, caracterizando uma estratégia para aumentar a renda familiar.

Apesar disso, os entrevistados relataram alguns desafios significativos, como as más condições das estradas da zona rural, a baixa infraestrutura da feira e a falta de incentivos por parte do poder público. Tais limitações impactam diretamente na qualidade de vida e na continuidade das atividades comerciais, havendo assim necessidade de maior apoio institucional para garantir a sustentabilidade da feira e da agricultura familiar.

Pela amostra destacada, dados analisados representam de forma válida a dinâmica local, proporcionando uma compreensão mais aprofundada sobre o papel da feira livre na vida dos produtores familiares.

Para estudos futuros, sugere-se investigar com maior profundidade a ausência de jovens nas atividades da feira, tema que pode comprometer a sucessão e continuidade dessa prática. Além disso, recomenda-se ampliar a pesquisa para outros municípios da região, com o intuito de realizar comparações e identificar boas práticas que possam ser adotadas na feira livre em Rosário Oeste-MT.

Entende-se, portanto, que a feira livre se constitui como um espaço fundamental de comercialização, sociabilidade e identidade para os produtores da agricultura familiar. Sua valorização e fortalecimento, por meio de políticas públicas e ações estruturantes, são essenciais para garantir a permanência e o desenvolvimento sustentável dessa atividade na região.

## REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, R. **Paradigmas do capitalismo agrário em questão**. São Paulo: HUCITEC, 1992.

ABRAMOVAY, R. (coord.). **Juventude e agricultura familiar: desafios dos novos padrões sucessórios**. Brasília: UNESCO, 1998. Disponível em: <https://www.precog.com.br/bc-texto/obras/ue000152.pdf>. Acesso em: 6 maio 2025.

ALFATIN, I. **Reflexões sobre o conceito de agricultura familiar**. Brasília: CDS/UNB, 2007.

Disponível em: <https://www.enfoc.org.br/system/arquivos/documentos/70/f1282reflexoes-sobre-o-conceito-de-agricultura-familiar---iara-altafin---2007.pdf>. Acesso em: 03 mai. 2024.

AMARAL, G. de O et al. A pluriatividade como estratégia de sobrevivência dos agricultores familiares da região Centro-Oeste brasileira. **Nexos Econômicos**, Salvador, v. 10, n. 2, p. 7–22, 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revnexeco/article/view/22559>. Acesso em: 7 maio 2025.

ARAUJO, A. M. RIBEIRO, E. M. Feiras e desenvolvimento: impactos de feiras livres do comércio urbano no Jequitinhonha. **Revista. Bras. Planej. Desenv.** Curitiba, v 7, n. 2, p. 300 – 327, maio/ago. 2018. Disponível em: <file:///C:/Users/Ana%20Cristina%20Peron/Downloads/6849-29186-1-PB.pdf>. Acesso em 26 mar. 2024.

BARBOSA, C. C. A feira e o turismo: potencialidades e atrativos. **Caminhos de Geografia**, Uberlândia, v. 9, n. 25, p. 164-177, mar. 2008. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/caminhosdegeografia/article/view/15446>. Acesso em: 30 maio 2025.

BRASIL. **Lei nº 11.326, de 24 de julho de 2006**. Dispõe sobre o Estatuto da Agricultura Familiar e dá outras providências. Brasília: Diário Oficial da União, 25 jul. 2006.

CANDIOTTO, L. Z. P. **Aspectos históricos e conceituais da multifuncionalidade da agricultura**. São Paulo, 2009.

CARVALHO, F de F.; GROSSI, S. de F. A importância das feiras livres e seus impactos na agricultura familiar. **Interface Tecnológica**, v. 6, n. 2, p. 226-234, 2019.

CARVALHO, J. de J.; AGUIAR, M. G. G. Qualidade de vida e condições de trabalho de feirantes. **Revista de Saúde Coletiva da UEFS**, Feira de Santana, v. 7, n. 3, p. 74-82, 2017. Disponível em: <https://periodicos.uefs.br/index.php/saudecoletiva/article/view/1943>. Acesso em: 7 maio 2025.

CHAVES, G. R. Análise socioeconômica e cultural da feira livre do município de Remígio-PB. 2011. 105 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia) – Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2011. Disponível em: <http://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/handle/123456789/4044>. Acesso em: 7 maio 2025.

COUTINO, E. P. et al. Condições de higiene das feiras livres dos municípios de Bananeiras, Solânea e Guarabira. In. ENCONTRO DE EXTENSÃO, 10, s/d. Paraíba. **Anais[...]**. Universidade Federal da Paraíba. Disponível em: [http://www.prac.ufpb.br/anais/xenex\\_xienid/x\\_enex/ANAIS/Area6/6CFTDTRPEX01.pdf](http://www.prac.ufpb.br/anais/xenex_xienid/x_enex/ANAIS/Area6/6CFTDTRPEX01.pdf). Acesso em: 01 jun 2024.

DEIMLING, M.F. BRAZ, R.J. **Os canais de distribuição da agricultura familiar para a comercialização de seus produtos: o caso da região de Chapecó/SC**. 2007. Disponível em: [https://www.aedb.br/seget/arquivos/artigos07/881\\_artigo%20-%20Agricultura%20Familiar%20SEGET2007.pdf](https://www.aedb.br/seget/arquivos/artigos07/881_artigo%20-%20Agricultura%20Familiar%20SEGET2007.pdf). Acesso em: 02 jun, 2024

FAO. Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura (FAO). **Década das nações unidas para a agricultura familiar**. 2019. Disponível em: [www.fao.org/brasil/noticias/detail-events/pt/c/1190270/](http://www.fao.org/brasil/noticias/detail-events/pt/c/1190270/). Acesso em : 31 maio 2024

FOSSÁ, J. L.; TERNUS, C. H.; BADALOTTI, R. M. Feiras Livres da agricultura familiar: desafios e oportunidades no município de Chapecó-SC. **Revista NECAT /Revista do Núcleo de Estudos de Economia Catarinense**, v. 9, n. 18, p. 120-134, 2020. Disponível em :[ojs.sites.ufsc.br/index.php/revistanecat/article/view/4615](http://ojs.sites.ufsc.br/index.php/revistanecat/article/view/4615). Acesso em: 01 jun. 2024

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2019.

GIL, A. C. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. Rio de Janeiro: Grupo GEN, 2022.

GODOY, I.W.; ANJOS, F.S. dos. A importância das feiras livres ecológicas: um espaço de trocas e saberes da economia local. **Revista Brasileira de Agroecologia**, v.2, n.1, fev. 2007. Disponível em: [revistas.abaagroecologia.org.br/index.php/rbagroecologia/article/download](http://revistas.abaagroecologia.org.br/index.php/rbagroecologia/article/download). Acesso em: 25 mar. 2024.

GOMES, A. F. Desafios dos desperdícios de vegetais comercializados em feiras livres. Monografia (Bacharelado em Nutrição) Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Educação e Saúde, 2023. Disponível em: <http://dspace.sti.ufcg.edu.br:8080/jspui/handle/riufcg/33577> Acesso em: 01 jun. 2024.

GUIMARÃES, I. B. Gênero, trabalho e feiras: os significados do “feminino” no mundo das feiras livres. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 29, n. 86, p. 81–96, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbsoc/a/3WjK3LtGmWJkzZf5V5nJt7J/>. Acesso em: 5 maio 2025.

GUIMARÃES, T. T. D.; DOULA, S. M. Memória e identidade: o processo de sucessão e herança no Mercado Municipal de Montes Claros – MG, Brasil. **Mundo Agrário**, La Plata, v. 19, n. 40, e089, 2018. Disponível em: <https://www.mundoagrario.unlp.edu.ar/article/view/MAe089>. Acesso em: 6 maio 2025.

IBGE. **Censo Agro 2017: População ocupada nos estabelecimentos agropecuários cai 8,8%**. Rio de Janeiro, 25 out. 2019a. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/25789-censo-agro-2017-populacao-ocupada-nos-estabelecimentos-agropecuarios-cai-8-8>. Acesso em: 4 jun. 2025.

IBGE. **Dados demográficos de Rosário Oeste**. 2010. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mt/rosario-oeste/panorama>. Acesso: 30 maio 2024.

IBGE. **Retratando a realidade do Brasil agrário: O Censo Agropecuário 2017**. IBGE, 2019b.

JORDÃO, E. L. Agricultura familiar: evolução e desafios no município de Nobres – MT, 2008 a 2018. 47 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Administração). Universidade do Estado de Mato Grosso. Mato Grosso, 2011.

MAGALHÃES, K. L. et al. Comercialização de produtos cárneos em feiras livres na cidade

de Fortaleza (CE): avaliação das conformidades de acordo com a legislação. **Research, Society and Development**, Vargem Grande Paulista, v. 9, n. 10, e3969108739, 2020. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/8739>. Acesso em: 10 maio 2025.

MICHELLON, E.; MOLINA, E. C.; COSTA, T.R.; Feira do produtor rural pela visão dos consumidores. *In*: EPCC - ENCONTRO INTERNACIONAL DE PRODUÇÃO CIENTÍFICA CESUMAR, 5. 2009. **Anais [...]**. Maringá, 2009.

MINAYO, M. C. de S. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 22 ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2003.

PASQUALOTTO, N.; GODOY, W. I.; VERONA, L. A. F. Agricultura familiar e Agroecologia: um olhar sobre o caminhar da juventude rural no sudoeste paranaense. **Revista Brasileira de Agroecologia**, Porto Alegre, v. 8, n. 3, p. 72–79, 2013. Disponível em: <https://revistas.aba-agroecologia.org.br/index.php/rbagroecologia/article/view/16427>. Acesso em: 4 jun. 2025.

PEREIRA, V. G.; BRITO, T. P.; PEREIRA, S. B. A feira-livre como importante mercado para a agricultura familiar em Conceição do Mato Dentro (MG). **Revista Ciências Humanas - UNITAU**, Taubaté/SP, v. 10, edição 20, dez. 2017.

PORTO, M. S. G; SIQUEIRA, E. E. A pequena produção no Brasil: entre os conceitos teóricos e as categorias empíricas. **Cadernos de Sociologia**. Porto Alegre, v. 6, p. 76-89, 1994.

SATO, L. Processos cotidianos de organização do trabalho na feira livre. **Psicologia & Sociedade**, Belo Horizonte, v. 19, n. 3, p. 65-72, 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-71822007000400013>. Acesso em: 7 maio 2025.

SALES, A. P.; REZENDE, L. T.; SETTE, R. de S. Negócio feira livre: um estudo em um município de Minas Gerais. *In*: ENCONTRO DE GESTÃO DE PESSOAS E RELAÇÕES DE TRABALHO, 3, 2011, João Pessoa. **Anais [...]**. João Pessoa/PB: ANPAD, 2011. Disponível em: [www.anpad.org.br/admin/pdf/EnGPR395.pdf](http://www.anpad.org.br/admin/pdf/EnGPR395.pdf). Acesso em: 25 mar. 2024.

SCHINAIDER, C. B. S. Mercados e comercialização de produtos lácteos pela agricultura familiar nas feiras livres de Goiânia-GO. 2023. 99 f. Dissertação (Mestrado em Agronegócio) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2023. Disponível em: <https://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tede/12977>. Acesso em: 10 maio 2025.

SAUER, S. **Agricultura familiar versus agronegócio: a dinâmica sociopolítica do campo brasileiro**. Brasília – DF: Embrapa Informações Tecnológicas, 2008.

SILVA, E. de B; SILVA, S. de M. **Diagnóstico da qualidade da feira livre de Areia/PR**. 2011. 20 f. Monografia (Ciências Fundamentais e Sociais). Universidade Federal da Paraíba. Areia- PR. 2011.

SILVA, L. et al. As feiras livres e sua importância nutricional, ambiental e econômica. *In*: FÓRUM ACADÊMICO DA UNIVÉRTIX, 17., 2024, Governador Valadares. **Anais[...]**. Governador Valadares: Univértix, 2024. Disponível em: <https://fave.univertix.edu.br/resumo/as-feiras-livres-e-sua-importancia-nutricional-ambiental->

e-economica/. Acesso em: 10 maio 2025.

SILVA, L. M.; SANTOS, R. F. Feiras livres como espaços de sociabilidade e desenvolvimento local: desafios e perspectivas. **Revista Brasileira de Gestão Urbana**, Curitiba, v. 10, n. 2, p. 345-360, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2175-3369.010.002.AO05>. Acesso em: 7 maio 2025.

TEIXEIRA, A. J. Feiras livres no município de Diamantino, Mato Grosso: perfil e percepção dos feirantes acerca da atividade. 2019. 54 f. Monografia (Bacharelado em Administração) – Universidade do Estado de Mato Grosso, Diamantino, 2019.

TRINDADE, J. R. B; FIEL, Ewerton Uchoa. Trabalho e informalidade: a dinâmica socioeconômica dos feirantes da feira da cidade em Ananindeua (PA). **Revista Espacialidades**, Natal, v. 11, n. 2, p. 1–22, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/espacialidades/article/view/20339>. Acesso em: 5 maio 2025.

VEDANA, V. Fazer a feira e ser feirante: a construção cotidiana do trabalho em mercados de rua no contexto urbano. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 19, n. 39, p. 41–68, jul./dez. 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-71832013000200003>. Acesso em: 7 maio 2025.

WANDERLEY, M. de N. B. Agricultura familiar e o novo mundo rural no Brasil: ensaio de interpretação. In: CONGRESSO DA SOBER, 40., 2002, Passo Fundo. **Anais[...]**. Brasília: SOBER, 2002. p. 1–23. Disponível em: <https://www.sober.org.br/palestra/9/472.pdf>. Acesso em: 5 maio 2025.